MONTEMOR O/NOVO
Assembleia Municipal

VOTO DE PESAR PELO FALECIMENTO DE JORGE PALMA

Por proposta apresentada pelos eleitos da CDU, a Assembleia Municipal de Montemor-o-Novo, reunida, em sessão ordinária, no dia 25 de setembro de 2026, deliberou aprovar, *por unanimidade*, o seguinte Voto de Pesar:

O país amanheceu na terça-feira com o coração mais "frágil"; na noite anterior, faleceu Jorge Palma, cantor, compositor, pianista e autor, Jorge Palma foi um artista de rara autenticidade e liberdade criativa.

A sua voz e as suas palavras souberam dar expressão às inquietações, aos afetos, às fragilidades e às esperanças de várias gerações.

Jorge Palma cantou o amor, cantou as fragilidades humanas e cantou a vida com profunda delicadeza e sensibilidade, dando voz aos muitos que o ouviam e com ele cantavam as suas canções; canções de liberdade, porque só em liberdade se pode cantar da forma como ele o fez; canções de esperança, mesmo quando eram de desesperança, pois todos em momentos de fragilidade nacional gritamos: Ai, Portugal, Portugal/De que é que tu estás à espera?

A sua intensidade interpretativa e uma permanente recusa da acomodação, deu-nos canções que se tornaram parte da vida e da memória de todos nós, pois, todos sabemos que "no Bairro do Amor a vida é um carrocel, onde há sempre lugar para mais alguém".

Não é demais lembrar qua as suas canções, as palavras das suas letras farão parte do imaginário coletivo de gerações, como "Estrela do Mar", "Deixa-me rir", "Frágil", "Bairro do Amor", "Dá-me lume", "Portugal Portugal", "Jeremias, o Fora da Lei", "Na terra dos sonhos", "Encosta-te a mim", "O meu Amor Existe", "Canção de Lisboa" e "Só".

Jorge Palma nasceu em Lisboa, em 1950, cedo se iniciou na música e cedo se começou a sentar ao piano. Ainda antes de viver na Dinamarca, Jorge Palma fez uma longa viagem pela América do Norte e pela Caraíbas, num momento de descoberta musical e pessoal, numa altura em que estava a abandonar o curso de Engenharia e a aproximar-se definitivamente da música. Aos 23 anos fixou-se então na Dinamarca, para fugir à Guerra Colonial. Durante esse período trabalhou num hotel e viveu numa casa onde havia um piano de cauda. Foi aí que compôs grande parte do material que viria a integrar o seu primeiro álbum, *Com Uma Viagem na Palma da Mão*. Através da BBC, em Copenhaga, tomou conhecimento da Revolução de 25 de Abril e decidiu regressar a Portugal.

No entanto, a sua experiência estrangeira mais determinante foi quando esteve em Paris, onde continuou a construir o seu personagem artístico, em contacto com diferentes tradições musicais da canção francesa passando pelo folk e rock anglo americano. Tocava nas ruas e no metro, guitarra na mão, interpretando autores como Jacques Brel, Charles Aznavour, Bob Dylan e Leonard Cohen.

Desta forma percebe-se que a carreira de Jorge Palma não foi construída exclusivamente em Portugal, tendo sido um músico europeu antes de ser uma figura consagrada da música portuguesa.

A partir de 1984, iniciou-se a sua afirmação artística com músicas como, "O Lado Errado da Noite", "Deixa-me Rir". Em 1990, termina o Curso Superior de Piano, retomando e concluindo uma formação clássica iniciada muitos anos antes. No ano seguinte edita *Só*, um dos discos fundamentais da sua carreira. Durante a década de 90 forma os Palma`s Gang e participa em projetos que se tornaram referências da música portuguesa, como *Rio Grande* e *Cabeças no Ar*. Em 2002, recebeu o Prémio José Afonso, reconhecimento particularmente significativo pela

importância da sua obra na música portuguesa. Em 2008 e 2012 venceu o Globo de Ouro de Melhor Intérprete Individual. Em 2012, o álbum *Com Todo o Respeito* recebe também o Prémio Pedro Osório, atribuído pela Sociedade Portuguesa de Autores. Aos 70 anos, celebra "70 Voltas ao Sol" no Castelo de São Jorge. Nesse mesmo período recebe a Medalha de Mérito Cultural da Cidade de Lisboa e é condecorado com a Ordem do Infante D. Henrique. A fase final da carreira é marcada por colaborações e reencontros. Destaca-se. Juntos, projetos em que partilha o placo com Sérgio Godinho, bem como a celebração de discos históricos como *Bairro do Amor* e *Só*.

Em abril deste ano recebeu um Prémio Carreira de cravo ao peito. Na intervenção que então proferiu apelou a que lancemos mãos à obra em defesa dos seus valores de liberdade, democracia e justiça.

Hoje, perante a sua partida, fica a ausência de um dos grandes nomes da nossa cultura, fica uma obra viva, que continuará a ser tocada, cantada e descoberta por novas gerações, a sua partida representa uma perda irreparável para a cultura portuguesa, para a música nacional e para todos quantos encontraram na sua obra uma referência artística e humana.

Por fim, deixamo-vos ao estilo do Jorge: (...) enquanto alguns fazem figura/Outros sucumbem à batota/(...) Mas goza bem a tua rota/Enquanto houver estrada pra andar/ A gente vai continuar (...) / Enquanto houver ventos e mar/ A gente não vai parar/ (...)/A liberdade é uma maluca/Que sabe quanto vale um beijo/(...) Enquanto houver estrada pra andar/A gente vai continuar.

Montemor-o-Novo, 25 de setembro de 2026